



Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk

INGEDORE G. V. KOCH

Universidade Estadual de Campinas

EDWIGES M. MORATO

Universidade Estadual de Campinas

ANNA C. BENTES

Universidade Estadual de Campinas

RESUMEN. El objetivo de este trabajo es realizar un debate en torno a la noción de contexto, centrándose en el trabajo seminal de Teun van Dijk, aprovechando algunos paralelos con sus postulados sobre la cuestión más importante con los postulados de otros autores que se han dedicado a reflexionar sobre este concepto en relación con la producción del lenguaje. Con este fin, hemos tratado de dar una interpretación a la aproximación teórica de van Dijk en la construcción del concepto de modelo de contexto. Por último, hemos tratado de presentar también un breve comentario analítico sobre las consideraciones prácticas del lenguaje sobre la base de las relaciones entre el lenguaje, contexto y cognición social.

PALABRAS CLAVE: *contexto, modelo de contexto, prácticas del lenguaje, cognición social*

RESUMO. O objetivo deste artigo é fazer uma discussão em torno da noção de contexto, enfocando a obra seminal de Teun van Dijk, traçando alguns paralelos com as suas postulações mais importantes sobre esse tema com as postulações de outros autores que também se dedicaram a refletir sobre esse conceito na sua relação com a produção de linguagem. Para tanto, procurou-se dar uma interpretação ao percurso teórico de van Dijk na construção do conceito de modelos de contexto. Por fim, procurou-se também apresentar breves comentários analíticos sobre uma prática de linguagem a partir das discussões feitas sobre as relações entre linguagem, contexto e cognição social.

PALAVRAS-CHAVE: *contexto, modelo de contexto, práticas de linguagem, cognição social*

ABSTRACT. The aim of this paper is to make a discussion around the notion of context, focusing on the seminal work of Teun van Dijk, drawing some parallels with his postulations on this most important issue with the postulations of other authors who have dedicated themselves to reflect on this concept in relationship to language production. To this end, we tried to give an interpretation to the theoretical approach of van Dijk in the construction of the concept of context model. Finally, we tried to also present brief analytical comments on a language practice based on the discussed relations between language, context and social cognition.

KEY WORDS: *context, context model, language practices, social cognition*

Recibido: 07 de julio de 2011 • Aceptado: 17 de septiembre de 2011.

Introdução

Desde a publicação do célebre estudo em que Malinowski (1923) apresenta sua noção de contexto, vários pesquisadores¹ de diferentes vertentes teóricas interessadas no conhecimento da linguagem humana têm procurado esquadrinhar, segundo a sugestão do próprio Malinowski, essa vasta nebulosa que envolve o texto. Em todas essas vertentes, alarga-se, em muito, o alcance da noção de contexto.

A noção de contexto é mobilizada já nas primeiras pesquisas na área de Linguística Textual. Inicialmente, o contexto era entendido como contexto verbal (cotexto), passando, depois, a englobar a situação comunicativa imediata e, só mais tarde, a situação comunicativa mediata, de cunho sócio-cultural, enquanto entorno cognitivo sócio-político-cultural.

A obra de Teun A. van Dijk, um dos pioneiros no estudo do texto/discurso, veio incrementar imensamente a pesquisa relativa à constituição, compreensão e produção de textos, mormente a partir de suas obras em co-autoria com Walter Kintsch. Já em fins da década de 70 e na primeira metade da década de 1980, a grande maioria das obras de van Dijk esteve voltada para as questões sócio-cognitivas, na medida em que este autor passa a preocupar-se com a representação do conhecimento na memória, em particular, o papel dos modelos cognitivos na manutenção, elaboração e modificação do conhecimento e das práticas sociais de linguagem. A partir de então, multiplicaram-se as suas publicações que tratavam da questão do processamento textual, isto é, da compreensão e produção de textos.

Sucessivamente, seus estudos sobre o texto/discurso foram sendo cada vez mais ampliados para conter novos questionamentos, ora derivados da pesquisa em inteligência artificial, ora de cunho sócio-cognitivo, de tal modo que a questão do contexto passa a ocupar neles posição central.

Assim, o estudo do contexto passa mais e mais a fazer parte de seu empreendimento analítico em torno da compreensão dos processos linguísticos e sociocognitivos atinentes ao funcionamento textual.

Em 1997, no artigo “Towards a theory of context and experience models in discourse processing”, o autor define os *modelos de contexto* como a interpretação subjetiva do contexto que os participantes de uma situação comunicativa constroem dos traços dessa situação, traços estes que condicionam a produção, estruturação e compreensão do discurso; assim, os *modelos de contexto* permitiriam o controle geral e local de todos os processos envolvidos na compreensão e produção dos textos e das interações.

Quando o contexto era visto pelo autor a partir de esquemas linguístico-conceptuais, os impactos dessa concepção se deram sobretudo em torno do desenvolvimento de pesquisas sobre o léxico, a representação, o processamento textual. Na nova concepção, quando o contexto diz respeito a um só tempo ao enquadramento social e ideológico mais amplo dos falantes, bem como à

situação interacional imediata na qual se encontram, os impactos agora se dão em torno do desenvolvimento de pesquisas tanto sobre a dinâmica interacional, a categorização do mundo social² produzida pelos falantes. Com isso, podemos dizer que o impacto de sua obra incide sobre a articulação dos níveis macro (ideológicos) e micro (psicológicos) dos discursos e das interações.

A obra de 2008, *Discourse and context - a socio-cognitive approach*, traz novas mudanças em relação à teoria de contexto, apresentando sumários críticos referentes à noção, revisando o próprio percurso do autor, que segue do conceito de modelos mentais ao conceito de modelos de contexto, mediado por noções como a de cognição social e a de discurso. O conceito de *cognição social, situada e multimodal* emerge na confluência de interesses do autor, evocando reflexões de áreas que também procuram qualificar o conceito, como a Psicologia Educacional e o campo do estudos sociocognitivos, campo este fundado com a colaboração definitiva de van Dijk. O autor também apresenta, nessa obra – mas também em outras do mesmo período, uma articulação mais complexa entre a noção de cognição, discurso e contexto mais complexa, na qual se concebe o conhecimento como fundamentalmente estruturado pelas práticas sociais. Para o autor, há uma relação dialética fundamental entre o papel do conhecimento na produção do discurso e o papel do discurso na transformação do conhecimento, como já preconizara Antos (1977). Assim, a empiria da discussão em torno da noção de contexto centra-se nos usos da linguagem e da cognição: produção textual falada e escrita em situações cotidianas.

Podem-se, assim, elencar a interação social e a articulação de aspectos macro e micro do contexto entre as premissas atuais da noção, apreendida em *modelos contextuais* sociocognitiva e discursivamente constituídos. A proposta atual do autor se destaca entre os demais modelos elaborados em vários domínios teóricos para descrever e analisar a construção e a organização da experiência humana, tais como *scripts*, molduras, esquemas, *frames* conceituais, em função do fato de se apresentar como sendo, a um só tempo, cognitiva e social, superando as outras proposições parciais – internalistas ou externalistas - como vias explicativas para o processamento textual.

Essa noção mais atual do conceito de contexto traz uma série de vantagens para a análise textual, como a diluição das dicotomias lingüístico/extralingüístico, cognição individual/social, memória semântica/episódica, importante para evidenciar os fatores e condicionantes socioculturais e ideológicos articulados de maneira constitutiva às situações interacionais concretas.

Tal conceituação revela claramente a inclinação menos psicológica e mais claramente sociocognitiva das obras do autor com o passar do tempo, visto que o contexto deixa de ser concebido como algo apriorístico ou meramente complementar em relação à construção do sentido lingüístico. Dessa forma, podemos observar interações mais ou menos evidentes da obra do autor com domínios teóricos sociológicos, nos quais também encontramos um empreendimento analítico que procura articular aspectos macro e micro do contexto.

É o que também faz Hanks, por exemplo, ao afirmar que “*é na elaboração de enunciados falados ou escritos que linguagem e contexto são articulados*” (2008 167).

Tem-se, pois, na progressão da teoria de contexto de Teun van Dijk um movimento que segue de uma perspectiva mais psicológica (como a dos modelos mentais) a uma perspectiva mais sociocognitiva, que passa pela proposição de modelos de situação e, mais atualmente, de modelos contextuais, que funcionariam como um sistema de regulação dos demais.

1. Modelos, contexto e cognição

Como lembra Morato (2010), vários têm sido os modelos ou construtos relacionados no campo da Ciência para dar conta, teórica e empiricamente, da forma pela qual os indivíduos constroem (compartilham, modificam, organizam, regulam, representam, justificam, reconhecem) a experiência de conhecimento de mundo: *contexto, prática, sistemas de referência, enquadre, esquema, conhecimento prévio, situação social, script, moldura comunicativa*. Contudo, tais modelos não tratam da ou são a mesma coisa, ressalta a autora:

Script (cf. Schank & Abelson 1977) tem sido entendido como uma cadeia de inferência pré-organizada de uma situação específica; o termo *moldura* pode ser usado no sentido dado a *frame* por Fillmore (1988), isto é, esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos de conhecimento, hipóteses dos indivíduos sobre o mundo ou estados de coisa no mundo (Garcez & Ribeiro, 1987:140). *Enquadre*, por sua vez, não diz respeito apenas a conhecimento estruturado em termos lingüísticos e conceptuais, e sim ao enquadramento social dos falantes na interação ou mesmo aos regimes sociais que a qualificam, na acepção de Tannen & Wallat (1987) e de Goffman (1974), próximas da noção de *contexto* dada por Gumperz (1982) e Hanks (2008). (Morato, 2010, pp. 93-94)

Por seu turno, *frames* têm sido compreendidos como estruturas de conhecimentos pré-existentes e relacionáveis, emergentes e incorporados que organizam nossas experiências, altamente ritualizadas (mas não óbvias ou imutáveis), mais ou menos estereotipadas, mais ou menos estabilizadas de forma não seqüencial e ordenada.

No entanto, ressalta Morato (2010), *frame* diz respeito *não* apenas a um conhecimento estruturado em termos lingüísticos e conceptuais, e sim ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam, de acordo com Goffman (1974) ou Tannen e Wallat (1987). Tal acepção, a propósito, é semelhante à que é dada à noção de *contexto* por estudiosos da linguagem como Goffman (1974), Gumperz (1982) van Dijk (2008) e Hanks (2008).

A noção de contexto, como a de situação social, enquadre ou *frame*, tem a ver com estruturas de expectativa, isto é, não se trata de algo concebido *a priori* e nem de forma independente quanto a nossas experiências sócio-culturais;

pelo contrário, dependem dos atos de significação e, portanto, das práticas mediadas largamente por linguagem.

Mondada e Dubois (2003:25), a propósito, chamam a atenção para o modo de funcionamento de um *continuum* dialético entre discurso-contexto-cognição, ponderando que “de um ponto de vista lingüístico, quando um contexto é re-enquadrado (Goffman, 1974), as categorias podem ser reavaliadas e transformadas, juntando diferentes domínios, como na metáfora, na metonímia e na metalepse”.

A crucial importância da perspectiva sociocognitiva de contexto tomada mais recentemente na obra de van Dijk (ver, por exemplo, 2006, 2008) é colocar em relevo, no plano teórico e no plano empírico, questões epistêmicas fundamentais: como se constrói, emerge, se consolida e se modifica o conhecimento nas situações interativas/produções textuais? Como os indivíduos agenciam o conhecimento nas situações interativas/produções textuais? Para o autor, parece claro que esta são questões nas quais intervêm as práticas discursivas e interacionais.

De acordo com outro grande lingüista, ele próprio próximo em muitos aspectos da obra de van Dijk, Luiz Antônio Marcuschi, o desafio cognitivo é de fato a “maior perplexidade da lingüística contemporânea, tendo em vista que se trata de uma determinação tanto interna como externa da língua e aqui não se pode mais ser dicotômico nem formal ou funcional simplesmente. (Marcuschi, 2001, p.).

O conceito de cognição social com o qual tem trabalhado van Dijk é mobilizado também em áreas disciplinares como Psicologia Social e Antropologia e deriva das circunstância da construção do sentido e dos regimes simbólicos constitutivos de e construídos em inúmeras práticas psico-sociais humanas: a cognição é uma construção social, intersubjetiva, local e historicamente situada. Está baseada não essencialmente no processamento mental e sim no contexto social e local de produção de interação e sentido; tem a ver, por conseguinte, com a maneira como o discurso é formulado conjuntamente pelos indivíduos em situações interacionais concretas.

2. *Modelos, contexto e prática social*

Em sua versão mais atual, a noção de contexto parece ter a ver, pois, em van Dijk, assim como em autores como Hanks (2008) Marcuschi (2002) e Koch (2002, 2004), com “*um estado de coisas que em parte está organizado a priori, e em parte está associado a uma significação que emerge de sua própria organização*” (cf. Hanks, 2008, p. 67).

A noção de contexto é marcada interacional e discursivamente porque sua natureza é, a um só tempo, emergencial e incorporada (cf. Hanks, 2008), e porque aponta a solidariedade constitutiva entre língua e mundo social, entre o lingüístico e o extralingüístico. Sendo assim, salientam-se nessa concepção

sociocognitiva de contexto tanto sua dimensão multimodal, relativa à presença na construção do sentido de semioses verbais e não-verbais co-ocorrentes nas situações enunciativas, quanto sua dimensão duplamente “situada”, relativa tanto à situacionalidade/indicialidade da significação, quanto à circunstância histórico-cultural de toda ação humana.

Neste ponto, podem-se proceder a aproximações e distinções entre autores que trabalham com a noção de contexto na perspectiva sociocognitiva ou pragmática. A propósito, tomemos uma passagem de Hanks (2008) a respeito da noção de contexto:

Neste ponto, quero resumir e oferecer uma síntese preliminar do processo no qual o contexto ocorre. A primeira classe de processos envolve intencionalidade, tanto no sentido de representação como no de finalidade. Assim quando um falante dirige sua atenção para, tematiza, formula, ou invoca o contexto, ele ou ela o converte em objeto semiótico em uma relação de querer-dizer. De modo semelhante, quando o falante usa pistas gramaticais, entonacionais ou gestuais para sugerir seu footing corrente e para contextualizar seu enunciado corrente, relações semióticas são produzidas entre o fluxo expressivo e o contexto de sua expressão. Em usos dêiticos, os falantes constroem o contexto, assinalando tanto o referente como a perspectiva sob a qual ele é individualizado. Os performativos austinianos (Austin, 1962) fundam-se parcialmente sobre a intencionalidade que liga o conteúdo proposicional ao ato convencional típico, o ato locucionário ao ilocucionário. Todos os tipos de indicialidade criativa mostrados por Friedrich (1979), por Silverstein (1976) e por outros pesquisadores envolvem o uso consequente dos signos para invocar contextos e, por meio disso, realizá-los. Através da intencionalidade, os signos e expressões projetam seus objetos e, consequentemente, alteram contextos. Os processos inferenciais (interpretação, extrapolação, implicação, enriquecimento contextual) também operam sobre as formas de expressão à luz dos contextos, conferindo um importância especial para as estruturas de relevância. Todos esses processos fiam-se criteriosamente na capacidade de os participantes produzirem e avaliarem signos do contexto, e de fazê-lo deliberadamente. Estratégia e improvisação são modos de exercitar essa capacidade.” (Hanks, 2008:196-7)

Os pontos elencados por Hanks (2008) em sua proposta de elaboração de um modelo de contexto encontram-se em grande consonância com a teorização produzida por van Dijk ao longo de seu percurso de reflexão e de construção de uma abordagem sociocognitiva da linguagem. A partir de agora, serão brevemente apresentados alguns pontos de contato entre as postulações de van Dijk ao longo de sua obra e a formulação de Hanks sobre o contexto. Van Dijk (1997b), ao discutir dimensões cruciais da análise do discurso, elenca quatro conceitos que regularmente aparecem nos trabalhos acadêmicos: “ação”, “contexto”, “poder” e “ideologia”.

Para os interesses deste artigo, apenas alguns dos traços que o autor denomina “traços contextuais relevantes” serão brevemente apresentados. Mas antes

disso, é preciso ressaltar que há dois pontos de contato entre as formulações de van Dijk e de Hanks sobre contexto. Um primeiro ponto de encontro é a noção de relevância, já que ela é responsável por transformar fundamentalmente a ideia de contexto (Hanks, 2008, p. 179). Um outro ponto de contato é a pergunta feita por ambos: como é possível fazer uma análise do contexto que considere um contexto local como sempre incorporado (“*embedded*”) a uma ordem mais global e/ou societal?

Antes de começar a apresentar os traços contextuais relevantes, também é importante assinalar que, para van Dijk, o estudo do papel do contexto na produção da linguagem está fundamentalmente relacionado à compreensão dos processos de apropriação, de atribuição de inteligibilidade e de validação das falas e dos textos.

Vamos agora aos traços contextuais relevantes postulados por van Dijk (1997a) primeiro deles são os participantes e algumas de suas características, tais como gênero, idade, educação posição social, etnicidade e profissão. Também para o autor, alguns papéis sociais desempenhados pelos participantes são mais relevantes do que outros, tais como ser um amigo ou um inimigo, deter mais capital simbólico ou deter menos, ser mais poderoso econômica ou socialmente ou menos poderoso *etc.* O segundo traço contextual relevante para o autor é o cenário, que envolve tempo, lugar, a posição do falante e alguns aspectos do ambiente físico. O cenário pode ser privado ou público, informal ou institucional. O terceiro traço contextual são os “objetos típicos”, também responsáveis pela caracterização de determinados contextos. A sala de aula, a sala do júri, a redação de um jornal, são cheias desses objetos especiais.

Um outro traço contextual relevante são as ações verbais e não-verbais desempenhadas no curso das interações. Nesse caso, os atos de fala, gestos, expressão facial e movimentações do corpo desempenham um papel fundamental na estruturação discursiva e na descrição e compreensão do contexto. Conhecimento e intencionalidade também são traços contextuais relevantes:

Todas as explicações sobre conhecimentos implícitos, pressuposições e interpretações sobre o discurso e/ou falante assumem o formato de algum tipo de conhecimento sobre os falantes. Similarmente, entender a ação pressupõe a atribuição de intenções, planos e propósitos aos falantes e/ou aos produtores de textos escritos. Estes dois últimos traços, embora possam ser considerados propriedades relevantes dos falantes, também devem ser vistos como importantes na definição de contexto. (Dijk, 1997a, p. 14)

Por fim, o autor chama a atenção para dois aspectos dos contextos: (i) eles são flexíveis e dinâmicos e podem ser negociados, especialmente na interação conversacional; e (ii) eles também podem ser influenciados e construídos pelos discursos.

Os traços relevantes de um contexto em ambos os modelos apresentam naturezas variadas. O desafio é considerá-los de forma consistente e criteriosa,

de forma que seja possível produzir compreensões dos discursos e das interações que revelem (mesmo que parcialmente) a mútua constitutividade entre linguagem e contexto.

3. *Analisando uma prática de linguagem: discurso, contexto e cognição social*

Um discurso bastante analisado por van Dijk é o discurso midiático. Em um diálogo intertextual com sua obra, procura-se, nesta última parte do texto, analisar um trecho do programa de auditório brasileiro “Manos e minas”, veiculado pela TV Cultura de São Paulo, procurando responder às perguntas: (a) como contexto e linguagem encontram-se mutuamente constituídos, considerando-se determinados traços contextuais relevantes? (b) como o contexto mais local revela e/ou encontra-se incorporado a um contexto mais global de produção dos discursos na mídia?

O programa de auditório “Manos e Minas” é um programa que se define como feito pela periferia para a periferia. Foi criado em 2008 e está na grade da TV Cultura até hoje, tendo passado por algumas reformulações. De uma forma geral, o programa caracteriza-se (i) por trazer reportagens sobre os bairros periféricos de São Paulo e de alguns outros estados brasileiros, (ii) por ser apresentado por ativistas sociais ligados ao movimento *hip hop* paulista e (iii) por contar com a participação de uma plateia que se identifica como morando e vivendo em diferentes “quebradas” (bairros) de cidades do estado de São Paulo.

De um ponto de vista da observação de um dos traços contextuais relevantes apontados por van Dijk, no caso, os participantes, o fato de o apresentador do programa em análise³ ser um *rapper* poderia colaborar para a percepção, por parte da audiência, de uma menor distância social entre apresentador e plateia. No entanto, esse outro papel social do apresentador do programa (ser *rapper*) parece não garantir por si só a minimização dessa distância. Por isso, o apresentador formata seu discurso por meio de um registro⁴ especial, que envolve, dentre outros recursos, uma série de formulações recorrentes, tais como, por exemplo, “sinta-se à vontade”, “tamo junto”, “a gente se *tromba* lá na *quebrada*”⁵, que ao mesmo tempo em que ativa um conhecimento socialmente partilhado (eu e você temos a mesma origem e pertencemos ao mesmo grupo social), valida e confere materialidade (“dá corpo”) ao personagem que se cria: um apresentador de programa que é “um igual” ao público que frequenta o programa e ao seu público-alvo, o telespectador da periferia. Neste sentido, tem-se aqui um bom exemplo de como não apenas o contexto do programa propicia a emergência de um determinado tipo de linguagem como também a linguagem mobilizada pelo apresentador auxilia na construção de um contexto de informalidade, proximidade e confiança entre o apresentador e o público do auditório. É possível dizer, então, que o contexto e/ou a situação social são

continua e concomitantemente criados tanto pelo estruturas de participação previamente estabelecidas pelo programa de auditório, mas também pelas práticas de linguagem mobilizadas pelos interlocutores, com principal destaque para as ações discursivas do apresentador.

Para além dessas formulações discursivas importantes, que indiciam o tipo de interação que o apresentador quer estabelecer com seus interlocutores, há recursos textuais dos quais o apresentador se utiliza para construir um tipo de “*common ground*”, possibilitando a participação efetiva de alguns membros específicos do público presente no auditório. Um desses recursos é a paráfrase. Vejamos o exemplo abaixo, no qual o apresentador dá uma informação sobre a situação do emprego em São Paulo e, em seguida, faz uma pergunta:

RH segundo o DIEESE (inint.)... trinta e dois por cento da população de São Paulo trabalha informalmente... eu queria sabê(r) se aqui na plateia tem alguém... que vive de fazê(r) bico... prime(i)ro desse lado aqui... VOCÊ... fala fala seu nome a quebrada de onde você vem e... fala... com o que você trabalha o que você faz... (Programa Manos e Minas, 21/02/2009, transcrição retirada do trabalho de Granato, 2011, p. 254)

O procedimento parafrástico incide justamente sobre a construção sintática “*trabalha informalmente*”, dado que o apresentador pressupõe que seus interlocutores podem não compreender essa parte da informação fornecida antes de a pergunta ser feita. Então, a pergunta é feita da seguinte forma: “*eu queria saber se alguém aqui na plateia tem alguém que vive de fazer bico*”.

Mais do que um simples procedimento parafrástico, a instauração de um determinado *frame* por meio de uma expressão idiomática, “*fazer bico*”, *frame* este que pode ou não ser visto como correlato ao de “trabalho informal”, funciona também como um recurso metadiscursivo (Koch, 2004) que parece dar a seguinte pista de contextualização: “aqui, podemos falar assim, de maneira mais informal.”

Tanto o procedimento parafrástico executado pelo apresentador como a ativação de um determinado referente como “quebrada”, que pode ser ou não considerado correlato ao referente “bairro”, indiciam uma determinada ação discursiva: a construção das e o reforço às, por parte do apresentador, identidades sociais tematizadas pelo programa (sujeitos que pertencem às camadas populares). Os sujeitos que abraçam essas identidades compartilham conhecimentos, práticas de linguagem, modos de ser, de estar no e de ver o mundo social. Aqui é possível perceber a imbricação entre discurso, modelos de contexto e práticas sociais.

Esses breves comentários analíticos colocam em cena as complexas inter-relações entre modelos de contexto (que vão sendo continuamente atualizados, checados, reforçados, mantidos e também modificados pelos participantes de uma dada interação), práticas discursivas e cognição social (concebida como uma construção social, intersubjetiva, local e historicamente situada).

4. *Comentários finais*

Se a noção de contexto pode servir como ferramenta teórica e analítica para o estudo da forma como constituímos e organizamos o conhecimento, impõem-se ao pesquisador alguns desafios. A breve análise desenvolvida pode levar a outras perguntas, mas, com certeza, revela, mesmo que de maneira bastante inicial, que uma arbitragem relativa à relação entre linguagem, cognição e práticas sociais não pode ser efetuada a não ser em termos não-dicotômicos. Outro desafio refere-se a uma necessária articulação entre as chamadas análises macro (que trabalham prioritariamente com categorias amplas) e as análises micro (que trabalham prioritariamente com o aqui e agora dos eventos e práticas da vida cotidiana).

A importante obra de van Dijk, tomada em perspectiva e tempo, assinala um percurso fecundo, prolífero e promissor em direção à compreensão das relações entre discurso, contexto e cognição. Em direção, pois, à questão do sentido e do conhecimento que toma como protagonistas o homem e suas circunstâncias.

NOTAS

- 1 Citem-se, a título de exemplo, Firth (1950), Hymes (1964), van Dijk (1977), Gumperz (1982), Goffman (1974), Goodwin e Duranti (1992), Kleiber (1997), Hanks ([2006] 2008) *etc.*
- 2 Podemos dizer que seus trabalhos sobre os temas do racismo e da ideologia lidam mais direta ou indiretamente com o problema da categorização do mundo social.
- 3 Programa “Manos e minas”, do dia 21/02/2009, transcrito no trabalho de Granato (2011, Pp. 248-258).
- 4 Um registro é um modelo reflexivo que avalia um repertório semiótico (ou conjuntos de repertórios) como apropriados para específicos tipos de conduta (tais como a conduta de uma dada prática social), para classificações de pessoas que apresentam tal conduta e para desempenhar papéis (personas, identidades) e estabelecer relações entre esses papéis. Os recursos que contam como elementos de um dado repertório podem ser de natureza linguística ou de outra natureza. (...) “registros são formações históricas que podem ser apreendidas em processos grupais de valorização e contravalorização, exibindo mudanças ao longo do tempo tanto na forma como no valor”. (Agha 2007:147-8).
- 5 “A gente se encontra lá no bairro”.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. (2007). *Language and social relations*. New York: Cambridge University Press.
- ANTOS, G. (1997). “Texte als Konstitutionsformen von Wissen. Thesen zu einer evolutionstheoretischen Begründung der Textlinguistik. In: Antos, G.; Tietz,

- H. (Eds.) *Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends*, pp. 43-63, Tübingen: Nieneyer.
- FIRTH, J. Personality and language in society. *Sociological Review*, 42: 37-53, 1950.
- GRANATO, L. B. (2011). 'Gêneros discursivos em foco: dos Programas Manos e Minas e Altas Horas'. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, pp 1-325.
- GOFFMAN, E. (1974). *Frame analysis*. New York: Harper & Row.
- GUMPERZ, J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOODWIN, C.; DURANTI, A. (1992) *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HANKS, W. F. (2008). 'O que é contexto'. In: Bentes, A. C.; Rezende, R.C.; Machado, M. R. (Orgs.) *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*, pp. 169-203. São Paulo, Cortez.
- HYMES, D. (1964). 'Introduction: towards ethnographies of communication'. In: Hymes, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Philadelphia, 1974.
- KOCH, I. G. V. (2004) *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- KOCH, I. G. V. (2002) *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora.
- MALINOWSKI, B. (1923). 'The problem of meaning in primitive languages'. In Ogden, C. K. & Richards, I. A. (Eds.), *The meaning of meaning*, New York: Harvest/HBJ Books, pp. 146-152.
- MARCUSCHI, L. A. (2001). *Perplexidades e perspectivas da lingüística na virada do milênio*. Texto apresentado na VI Semana de Letras. João Pessoa: UFPB
- MARCUSCHI, L. A. (2002) 'Do código para a cognição: o processo referencial como atividade cognitiva'. *Veredas* 10: 43-62.
- MONDADA, L; DUBOIS, D. (2003). 'Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação'. In: Cavalcante, M.M.; Rodrigues, B.B.; Ciula, A. (Orgs.) *Referenciação*, pp 17-52. São Paulo: Contexto.
- MORATO, E. M. (2010). 'A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar?' *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, 41: 93-113.
- TANNEN, D.; WALLAT, C. (1987). 'Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica'. In: Ribeiro, B. T.; Garcez, P. M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*, pp.70-97. Porto Alegre: AGE.
- VAN DIJK, T. (2008). *Discourse and Context: A sociocognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VAN DIJK, T. (2006). 'Discourse, context and cognition'. *Discourse Studies*, 8(1): 159-177.
- VAN DIJK, T. (1997a). 'Cognitive context models and discourse'. In: Stamenov, M. (Ed.) *Cognition and Consciousness*, pp.189-226.. Amsterdam: Benjamins.
- VAN DIJK, T. (1997b). (Ed.) *Discourse as social interaction*. London: Sage Publications Ltd.

VAN DIJK, T. (1977). *Text and Context. Explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London and New York: Longman.

INGEDORE G. VILLAÇA KOCH é mestre e doutora em Língua Portuguesa pela PUC/SP e Titular em Análise do Discurso pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), onde implementou a área de Lingüística Textual. Na PUC-SP, atuou nos cursos de Letras e Jornalismo, na pós-graduação e na especialização. É professora-titular (aposentada) do Departamento de Lingüística do IEL-Unicamp. Entre suas obras, contam-se: *Lingüística Aplicada ao Português: Morfologia e Sintaxe*, (em co-autoria), *Argumentação e Linguagem, Texto e Coerência* (em co-autoria), *Desvendando os segredos do texto, Intertextualidade* (em co-autoria), todos pela Cortez Editora; *A coesão textual, A coerência textual, A inter-ação pela linguagem, O texto e a construção dos sentidos, Ler e Compreender* (em co-autoria), *Ler e Escrever* (em co-autoria), todos pela Editora Contexto; *Introdução à Lingüística Textual*, pela Editora Martins Fontes, *As Tramas do Texto*, pela Editora Nova Fronteira. É co-autora de uma Gramática da Língua Portuguesa pela Editora Almedina, de Coimbra, Portugal. Tem inúmeros trabalhos publicados em revistas e coletâneas de livros, no país e no exterior. Lecionou nos ensinos fundamental e médio e ministra cursos de extensão e especialização para professores em todo o país. Em seus projetos, tem enfatizado questões de leitura e produção de textos.

Correo electrónico: ingedorekoch@yahoo.com.br

EDWIGES MARIA MORATO é professora-associada (Livre-docente) do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. É Mestre (1991) e Doutora (1995) em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, tendo realizado um estágio-sanduiche na Université de Sorbonne-Nouvelle, na França no período de 1994 a 1995. Fez um estágio pós-doutoral na Universidade de Paris XII entre 2001 e 2002 (Paris, França) e outro na Université Lumière II, em 2007 (Lyon, França). Tem experiência na área de Linguística e de Neurolinguística, com ênfase nos estudos que envolvem as relações entre linguagem e cognição. Em torno desses interesses acadêmicos e científicos tem publicado livros e artigos, bem como realizado e coordenado várias pesquisas financiadas, individuais e coletivas. É uma das fundadoras e primeira coordenadora do GT da ANPOLL “Lingüística e Cognição”, e líder do Grupo de Pesquisa COGITES (“Cognição, Interação e Significação”). Uma das fundadoras do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), é membro de dois centros de pesquisa na Unicamp, sendo a atual coordenadora do primeiro deles: o LAFAPE (Laboratório de Fonética e Psicolinguística) e o U-TOPOS (Centro de Pesquisa sobre Utopia).

Correo electrónico: edwigesmorato@hotmail.com

ANNA CHRISTINA BENTES possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (1986), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992), doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Fez pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley (2006). Atualmente é professora do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Seu Grupo de Pesquisa no CNPq intitula-se “Linguagem como prática social: analisando a produção, a recepção e a avaliação de interações, gêneros do discurso e estilos linguísticos”. Atua nas áreas de Sociolinguística, Linguística do Texto e do Discurso e Linguística Aplicada. Seus principais temas de pesquisa são o fenômeno de narratividade, as práticas de linguagem nos contextos sociais, os gêneros do discurso e os estilos de fala. Organizou, com Fernanda Mussalim a coleção “Introdução à Linguística”, volumes 1, 2 e 3, e com Ingedore Koch e Edwiges Morato, a obra “Referenciação e Discurso”. É autora do livro didático “Linguagem: práticas de leitura e escrita”, volume 2, e é co-autora, com Ingedore Koch e Mônica Cavalcante, da obra “Intertextualidade: diálogos possíveis”. Organizou e traduziu, com Renato Rezende e Marco Antônio Machado, a obra “Lingua como prática social: sobre as relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin”, composta por artigos de William Hanks. Organizou, com Marli Quadros Leite, a obra *Linguística Textual e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho “Linguística Textual e Análise da Conversação” (ANPOLL- Biênio 2008-2010) e é coordenadora do mesmo GT no Biênio 2010-2012. É membro do Comitê Gestor e Editorial da Cortez Editora. Também coordena o Centro de Pesquisa “Margens”, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (Biênio 2009-2011).

Correo electrónico: annabentes@yahoo.com.br